

## INTRODUÇÃO

*José Marques de Melo*

**A** ideia da obra enciclopédica *Pensamento comunicacional brasileiro: o legado das ciências humanas* (volume 1 – História e sociedade; volume 2 – Cultura e poder; volume 3 – Mídia e consumo) surgiu nos idos dos anos 1960, quando ingressei na carreira acadêmica.

Para elaborar minha tese de pós-graduação no Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, como bolsista da Unesco, garimpei a literatura nacional, tentando encontrar fontes capazes de respaldar o objeto fundamental da pesquisa. Tive a nítida sensação de catar agulha em palheiro.

Naquela ocasião, as anotações feitas incluíram apenas dois brasileiros – os baianos Anísio Teixeira (discípulo da Escola de Chicago) e Leôncio Basbaum (discípulo da Escola de Moscou) – e um *brazilianist* francófono. Refiro-me a Claude Lévi-Strauss, francês que ajudara a fundar a Universidade de São Paulo, na década de 1930, e se exilou nos Estados Unidos quando Paris foi ocupada pelos nazistas, na II Guerra Mundial. Mais tarde foi reverenciado como patriarca do estruturalismo, corrente de estudos ancorada em pesquisas de campo feitas em tribos indígenas do Brasil e da América do Norte.

Todos foram devidamente citados no capítulo inicial – “Comunicação: conceitos e estrutura” – do meu primeiro livro, *Comunicação social – Teoria e pesquisa* (Vozes, 1970).

Não desisti, contudo, dessa identificação geoculturalista, arrumando os pedaços do mosaico cognitivo que serviu como matéria-prima para os ensaios “A imprensa como objeto de estudo científico no Brasil” e “O estudo científico do jornalismo”, publicados no livro *Estudos de jornalismo comparado* (Pioneira, 1972).

Além dos pernambucanos Gilberto Freyre e Luiz Beltrão, destacados no título daquele capítulo, localizei outros intelectuais que haviam conquistado legitimação nacional: o alagoano Arthur Ramos, o fluminense José Honório Rodrigues, o pernambucano Amaro Quintas, o paraense Vicente Salles, o mineiro Pedro Parafita Bessa, o gaúcho Carlos Oberacker Jr. e os paulistas Emília Viotti, Edgar Carone, Florestan Fernandes, bem como os *brazilianists* Roger Bastide, Jean Roche (franceses), Emilio Willems (alemão) e Zdenek Hampejs (tcheco).

Tendo em vista a escassez de obras em circulação no mercado nacional que pudessem suprir as carências intelectuais dos jovens ingressantes em nossas faculdades de comunicação, empreendi uma ambiciosa cruzada para divulgar suas ideias, tanto através de antologias quanto de opúsculos editados pela gráfica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Infelizmente essa experiência, contabilizando mais de uma centena de títulos (MATTOS, 2010, p. 148), sofreu descontinuidade durante a fase de endurecimento do regime militar. Ela só foi mantida pelas coleções de livros que coordenei ou assessoriei em editoras particulares.

Fazia falta uma obra de referência contendo o inventário crítico das contribuições humanísticas ao campo comunicacional, considerando que a escassez de cabeças pensantes inibia a exposição pública dos que tinham acumulado conhecimento nessa área. Além do *Inventário da pesquisa em comunicação no Brasil* (Intercom, 1984), cobrindo o período 1883-1983, trouxe uma modesta contribuição para reduzir esse *gap* cognitivo, publicando um guia das mais recentes obras destinadas ao estudo da comunicação.

Trata-se de *Fontes para o estudo da comunicação* (Intercom, 1995), cujo conteúdo refletia em grande parte o acervo bibliográfico que me servira no final do século XX. Estão ali registradas 690 indicações, a maior parte delas acrescentadas de fichas informativas sobre a natureza de cada documento.

É bem verdade que vinte anos atrás publicara um livro contendo o mapa do conhecimento comunicacional brasileiro acessível em bibliotecas norte-americanas. Além das fichas-resumo de 235 documentos, selecionei alguns estudos paradigmáticos dos interesses que os *brazilianists* norte-americanos tinham naquela época, traduzindo dez artigos representativos do conjunto. Na introdução que escrevi para o livro *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil* (Vozes, 1978) achei necessário registrar minha perplexidade, problematizando a circunstância de a comunidade acadêmica dos Estados Unidos conhecer, muito mais que os seus pares brasileiros, os sistemas de comunicação no Brasil.

Usando a metáfora do “telhado de vidro”, expressei o mal-estar visível sempre que os intelectuais “verde-amarelos” se deparavam com “trabalhos sistemáticos, precisos e ricos em detalhes, sobre fatos específicos” da nossa realidade comunicacional.

Mais do que a sensação de estarmos sendo observados de fora, era o sentimento de que a sociedade brasileira resumira-se a um objeto passivo, uma vez que os pesquisadores ou as instituições que os patrocinaram não haviam demonstrado, a não ser com raras exceções, o menor interesse em compartilhar as suas experiências com os membros da comunidade acadêmica nacional, retribuindo o uso de tão rico laboratório [...] (MARQUES DE MELO, 1978, p. 6).

Esse “complexo de inferioridade” foi se desanuviando paulatinamente quando a comunidade acadêmica brasileira das ciências da comunicação se organizou institucionalmente, criando mecanismos de cooperação e intercâmbio. Os colóquios binacionais criados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) de certo modo assumiram o papel de fórum de debates

não apenas sobre questões teórico-metodológicas, mas sobre a natureza e a significação dos estudos realizados nos dois países.

Para tanto, o episódio-chave foi sem dúvida o congresso Intercom 1982, quando a nossa vanguarda intelectual decidiu estabelecer um diálogo orgânico com lideranças dos países hegemônicos, reconhecendo a dependência, tanto teórica quanto metodológica, dos estudos de comunicação no espaço denominado Terceiro Mundo.

A internacionalização das discussões ocorreu em dois planos: primeiro, através da reflexão que pesquisadores brasileiros realizaram sobre as tendências da pesquisa em comunicação nos países metropolitanos; segundo, através da participação de pesquisadores estrangeiros [...] que trouxeram contribuições para revisar criticamente os modos de investigar os processos de interação simbólica nos seus países de origem (MARQUES DE MELO, 1983, p. 11).

Uma década depois, o Brasil começava a superar seus traumas identitários, sentindo-se em condições de participar do debate internacional sobre as questões comunicacionais no mundo contemporâneo. Ao sediar o Congresso Bienal (Guarujá, 1992) da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), ultrapassávamos, de certo modo, o “complexo do colonizado”, como pode ser visto nos dois livros que distribuimos aos membros da comunidade acadêmica mundial inscritos nos congressos de Bled (antiga Iugoslávia) e do Guarujá (Brasil), agendando *Brazilian Perspectives* para questões que nos eram significativas: *Communication and democracy* (1991) e *Communications for a new world* (1993).

Na medida em que alcançáramos visibilidade mundial, em consequência da ação difusora da Intercom, testamos o efeito demonstração da nossa produção científica, atraindo novamente a comunidade acadêmica agrupada pela IAMCR para voltar a se reunir em território nacional, desta vez em Porto Alegre (2004). O balanço das nossas conquistas feito na ocasião indicava duas tendências convergentes.

Conquistamos evidência mundial, especialmente pelo tamanho do nosso mercado como consumidor potencial das ideias germinadas no exterior. Corremos, por isso mesmo, o perigo de nos transformar em simples mercado de reserva para autores que necessitam de legitimação extramuros, mas cujas criações intelectuais muitas vezes configuram *ideias fora do lugar* (para não dizer fora do tempo) (MARQUES DE MELO, 2005, p. 114).

Tal deslocamento estava implícito na denominação contida no título da memória daquele evento. Enquanto a versão em língua portuguesa privilegiava o vocábulo *pensamento* (reflexão, teoria, crítica), a tradução em língua inglesa mostrava-se reducionista, comedida, enunciando o campo de trabalho, através da palavra *research* (conhecimento, método, análise).

Trata-se de impasse semelhante ao que enfrentáramos no primeiro congresso da Intercom ao debater o conceito de *sistemas de comunicação*. A questão fora posta pelo Conselho Federal de Educação ao instituir as disciplinas básicas do currículo mínimo imposto pelo governo militar aos cursos de comunicação de todo o país, ao qual a comunidade acadêmica reagiu concitando à “desobediência civil”. Ou seja, cumprir a lei interpretada pela sociedade civil, desprezando as instruções emanadas do colegiado maior do ensino superior do nosso país.

Para melhor compreender a situação, tomemos como referência o conteúdo da disciplina “sistemas de comunicação”, uma novidade no currículo mínimo federal para o qual não tínhamos referentes claros na jurisprudência educativa nacional (MARQUES DE MELO, 1978a, p. 211-139).

Adotando o conceito estrutural de comunicação (Lévi-Strauss), o universo contemplado ampliou a compreensão dos sistemas nacionais, estabelecendo conexões entre a comunicação espacial (infraestrutura) e a comunicação cultural (superestrutura), de modo a entender como as vias (estradas) se articulam com os veículos (transportes) para permitir a veiculação (circulação) de mensagens (conteúdos) produzidas em três segmentos culturais (erudito, massivo e popular).

Foi justamente para discernir a bibliografia destinada a essa disciplina que revisei o conhecimento estocado pelas ciências humanas, cuja riqueza exigia dos seus docentes uma compreensão multifacetada da sociedade brasileira (economia, política, cultura, comportamento, religião, vida cotidiana).

Tal inventário procurou combinar os parâmetros sugeridos por Abraham Moles (1974), para quem o “sistema de comunicação” é sinônimo de “circuito de comunicação e cultura”, cuja “diversificação” depende do “canal” utilizado, bem como por Luiz Beltrão (1977, p. 123), cujo conceito abrange “conjunto específico de procedimentos, modalidades, ideias e sentimentos essenciais à convivência e aperfeiçoamento de pessoas e instituições que compõem determinada parcela da sociedade, caracterizada pelo grau de integração no contexto civilizatório”, presumindo a coexistência de dois grandes sistemas planetários: sistema de comunicação cultural (peculiar aos seres humanos) e exobiocomunicação (constituído por seres de outras galáxias).

O inventário das obras ali esboçado alavancou a construção do perfil dessa enciclopédia, embora persistisse uma dúvida: que tipo de conteúdo deveria ser focalizado? Informação ou interpretação? Dado ou crítica? A experiência adquirida na elaboração do meu livro *História do jornalismo* (Paulus, 2012) foi decisiva, pedagogicamente, para buscar o equilíbrio entre cognição e reflexão, entre factual e crítico, entre memória e previsão.

Na metade do século XIX,

[...] a pesquisa jornalística contempla a imprensa como enigma a ser desvendado no bojo da sociedade. Considerada como um “problema”, robustece a demanda por respostas convincentes, capazes de dirimir dúvidas de percepção, superar impasses cognitivos. [...] A seguir, o jornalismo deixa de ser pesquisado a partir do suporte tecnológico – a imprensa –, passando a ser entendido como processo sociopolítico-econômico. É sintomático que seu artífice – Barbosa Lima Sobrinho – faça a exegese da transformação do jornalismo em atividade mercantil, porém ainda não se refere nominalmente ao fenômeno (MARQUES DE MELO, 2012, p. 22-23).

Voltei a me confrontar com questões dessa natureza quando assumi o compromisso de revisar o pensamento comunicacional uspiano para explicar aos participantes do I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americano a complexidade fisionômica da instituição-anfitriã, ou seja, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Minha tarefa era mostrar aos colegas visitantes as profundas “raízes ibero-americanas” da instituição que os acolhia. Concebi uma obra estruturada em duas partes organicamente articuladas.

A primeira, em três tomos, averiguou a natureza do conhecimento comunicacional que “fez a cabeça” da primeira geração (1966-1972), em que se identifica uma forte presença de humanistas como agentes de conhecimentos hegemônicos na instituição. Estão ali explicitadas as correntes de pensamento que adensaram nossa escola: a dos “fundadores” endógenos (constituída por docentes oriundos de outras disciplinas). Portadores de conhecimentos ou ideias consideradas “fora do lugar” ou “fora do tempo”, mas dialogando com um segmento oriundo do setor produtivo ou da militância sindical/profissional, tornaram-se difusores de ideias que “abalaram os alicerces” institucionais.

A elas se agrega a corrente constituída por “fundadores exógenos” ou “novatos” educados dentro do *campus*, formando equipe mista de acadêmicos, profissionais, especialistas dotados de competência cognitiva e aderência temática.

A segunda obra, em dois tomos, focaliza o período inicial do curso de pós-graduação em comunicações culturais, reconstituindo o itinerário percorrido pelo corpo docente fundador. Procedente de outras áreas do conhecimento, essa equipe adquiriu legitimidade interna, pesquisando fenômenos essenciais para discernir a trajetória intelectual dos mestres que ali se diplomaram, supervisionados pela saga de jovens doutores titulados no biênio 1973-1974.

Circulou em 2011 o *Pensamento comunicacional uspiano* (tomo 1 – Raízes ibero-americanas; 2 – Impasses mundializadores; 3 – Ideias que abalaram os alicerces); aguardam a segunda, denomi-

nada *Comunicações culturais*, ordenada em tomo 1 – Raízes e tomo 2 – Matrizes.

Outro dilema angustiante para a preparação desta obra conjunta residia na escolha dos livros e autores que deveriam ser resenhados. Não obstante a larga experiência adquirida no diálogo com as novas gerações que adentram minha sala de aula, percebi que seria temerário escolher títulos e escritores de modo unilateral. Por isso, demandei sugestões e opiniões do jovem Guilherme Fernandes. Sua competência já havia sido testada em outro bem-sucedido projeto lançado pela Rede Folkcom, do qual resultou o livrão *Metamorfose da folkcomunicação* (Editae Cultural, 2013), produzido num clima dialógico, respeitoso, fraterno e criterioso, sob o manto editorial da microempresa Editae, que se vem distinguindo pela eficácia no ramo das edições eletrônicas.

Essa interação manteve-se além da seleção dos textos formadores da espinha dorsal desta antologia. Embora tenha sido responsabilidade que o editor sênior assumiu, na fase de planejamento, a contribuição do editor júnior foi estratégica, com a sugestão da inclusão de textos esquecidos, ou, durante o processo de edição, a proposição da substituição de autores.

Sua contribuição foi notável também para a identificação dos colaboradores que escreveram as notas biobibliográficas ou fizeram a crítica das unidades construídas, bem como dos que aceitaram o encargo de despertar ou provocar a consciência crítica dos mediadores didáticos em relação ao conhecimento aqui disseminado ou ao pensamento a ser elaborado na fase da leitura, ou seja, na sala de aula.

Mais importante que isso foi a disponibilidade do meu jovem colega para assumir todo o fluxo editorial: desde a digitação do projeto até o controle do processo, sem esquecer as relações telemáticas, fundamentais para o controle do fluxograma. Tal colaboração foi sensível, eficaz e oportuna para essa conjuntura.

Esta obra tomou vulto em 2013, quando comemoramos os cinquenta anos das ciências da comunicação no Brasil, com a realização de um ciclo de conferências apoiado pela Fundação de



Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O programa do evento, circunscrito aos escritores e obras publicadas em São Paulo, criou uma expectativa favorável à produção deste livro, pela sua abrangência nacional.

Nos três volumes propostos estão focalizados 36 textos, emblemáticos e singulares, cuja leitura crítica mobilizou aproximadamente uma centena de acadêmicos de todas as regiões do país, pertencentes a todas as gerações. A diversidade das áreas de conhecimento dos resenhistas é a garantia da amplitude cognitiva e a evidência da pluralidade analítica.

Confesso que hesitei, ao principiar a seleção dos textos que seriam encaminhados aos comentaristas, ou seja, aos colegas que decidiram participar voluntariamente. Que critério adotar para o estabelecimento do marco histórico destinado a escolher autores?

Decidi, por razões operacionais, instituir, como divisor de águas, o momento em que passamos do conhecimento (registro, memória, narrativa) para a construção do pensamento (reflexão, crítica, problematização) sobre os processos comunicacionais.

Em livro anterior sobre a matéria, argumentei que o estudo sistemático da comunicação no Brasil tem origem na metade do século XIX, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em cuja revista foram publicados os trabalhos pioneiros (MARQUES DE MELO, 2003). No entanto, examinando a natureza dos estudos datados daquele século, verifiquei que carecem de exercício reflexivo, o que somente viria a ocorrer a partir da década de 20 do século XX (MARQUES DE MELO, 2013).

Eis a razão que explica o fato de esta antologia tomar como marco histórico o clássico estudo de Barbosa Lima Sobrinho (1923) sobre o jornalismo. Dessa maneira, selecionamos dois blocos de autores que pensaram a comunicação no Brasil, de acordo com as categorias cognitivas vigentes na primeira metade do século XX, representando duas gerações: os visionários e os vanguardistas.

Visionários são aqueles que perceberam os fenômenos comunicacionais no instante da sua configuração: Claude Lévi-Strauss, Câmara Cascudo, Barbosa Lima Sobrinho, Florestan Fernandes,

Emilio Willems, Alceu Maynard Araújo, Paulo Freire, Manuel Diégues Júnior, Antonio Candido, Fernando de Azevedo, Egon Schaden, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Octavio da Costa Eduardo, Celso Furtado.

Aqueles que deram continuidade ao trabalho da geração anterior, agregando elementos potencialmente transformadores, foram considerados vanguardistas: Jarbas Maciel, Virgílio Noya Pinto, Ruben Oliven, Alfredo Bosi, Darcy Ribeiro, Vamireh Chacon, Carlos Guilherme Mota, José Nilo Tavares, René Dreifuss, Juan Díaz Bordenave, Gabriel Cohn, Candido Mendes, Samuel Pfromm Netto, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Dante Moreira Leite, Luiz Costa Lima, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Ruth Cardoso e Ingrid Sarti.

Trata-se de um contingente predominantemente masculino, notando-se apenas três mulheres. Da mesma forma, sua distribuição geográfica privilegia o Nordeste, no mapa regional, e a USP, na cartografia institucional.

Poder-se-ia alongar a amostra, para superar essas aparentes distorções. Mas essa solução “politicamente correta” introduziria um artificialismo inadmissível. Como a seleção dos textos foi feita pelo mérito, é natural que ela reflita o perfil do universo, configurando um retrato da época.

Assim sendo, pareceu-me mais adequado deixar que tais vieses venham a ser contrabalançados naturalmente na composição do quadro de resenhistas e/ou comentaristas.

Basta uma vista d’olhos nessa lista para constatar que a participação feminina cresceu consideravelmente (atingindo o patamar de 60%), além de observar que a presença de colaboradores compreendeu todas as regiões, passando o Sudeste à liderança (48%), ampliando-se a diversidade das instituições em que atuam.

Integrado por seis unidades temáticas – as duas primeiras, diacrônicas (gênese e evolução/processo social básico), e as restantes, sincrônicas, focalizando variáveis temáticas (cultura, política e consumo), bem como aspectos metodológicos –, cada texto selecionado vem precedido, na arquitetura editorial, por um artigo de

natureza biobibliográfica, apresentando a trajetória intelectual do autor e as explicações sobre a obra da qual foi pinçado.

Além desse esclarecimento sobre o conjunto da obra e da explicação sobre o texto-base, cada unidade temática inclui um ensaio analítico, tornando transparente a conjuntura em que foram produzidos os textos e focalizados os significados respectivos.

Trata-se de uma contribuição para que o leitor entenda o contexto e possa correlacioná-lo às ideias contidas nos capítulos.

Assim sendo, cada texto é precedido por uma nota destinada a estimular a curiosidade do leitor, orientando sua leitura crítica. Trata-se de *lição de casa* que pretende suscitar a ousadia criativa, sem criar no interlocutor a sensação de estar beirando o caos.

Por sua vez, cada unidade temática é disposta na estrutura da obra como se fora um sanduíche cognitivo: de um lado, nutrido por ensaio de contextualização teórica, contendo a exegese do conjunto dos textos-base no sentido de articular as ideias originais dos autores com as anotações críticas feitas pelos leitores convidados, de modo a sugerir desdobramentos cognitivos; de outro, um complemento de reflexões pedagógicas sobre o conjunto dos textos, correlacionando as ideias originais dos autores às anotações feitas pelos exegetas convidados, potencializando a capacidade dos novos leitores. Trata-se de estimular a pesquisa crítica, tomando como referência o legado humanístico dos pensadores brasileiros que antecederam a constituição do campo acadêmico da comunicação.

É possível que persista uma ou outra lacuna informativa, bem como polêmicas interpretativas, em tão rústica cartografia, demandando esclarecimentos que só o tempo e a vigilância metodológica podem sanar progressivamente. Nesse sentido, tem a feição de uma obra aberta, suscitando controvérsias e concitando à imaginação criadora.

\*\*\*

As variáveis “cultura” e “poder” são privilegiadas no segundo volume da trilogia que resgata a contribuição das ciências humanas ao pensamento comunicacional brasileiro.

Valendo-se do referencial teórico desenvolvido no âmbito da disciplina que originalmente se devotou a conhecer e interpretar as civilizações “primitivas”, os autores aqui reunidos aportam contribuições valiosas para a instituição de um ramo “moderno” dessa ciência social, a Antropologia da Comunicação.

Egon Schaden, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, Ruben Oliven, trazem reflexões endógenas, que se agregam aos comentários dos historiadores Alfredo Bosi e Vamireh Chacon para redimensionar a oralidade e a diversidade, vetores estratégicos desse campo de pesquisas.

Refletir sobre questões comunicacionais para redimensionar a presença da cultura nos processos decisórios, particularmente aqueles que balizam os fluxos das indústrias criativas, constitui o *leit motiv* dessa plêiade intelectual.

Sendo esta a face culturalista da moeda comunicacional, o reverso da medalha encontra-se na engrenagem de poder que regula e controla tal complexo produtivo.

As observações contidas em textos paradigmáticos de Carlos Guilherme Mota e Celso Furtado jogam lenha na macrofogueira cognitiva. Mota atíça o fogaréu, com a ideia de revolução na mentalidade brasileira, enquanto Furtado aplaca a fumaça, retomando o conceito de formação cultural na economia.

As outras anotações enfocam o protagonismo do Estado (Tavares), da Burguesia (Dreifuss), Sociedade Civil (Cardoso) e Igreja (Bordenave).

## BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. *O problema da imprensa*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1923.
- BELTRÃO, Luiz. *Teoria geral da comunicação*. Brasília: Thesaurus, 1977.
- LOPES, Maria Immacolata V. et al. *Pensamento comunicacional brasileiro / Brazilian research communication*. São Paulo: Intercom, 2005.
- MARQUES DE MELO, José. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

- \_\_\_\_\_. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_. “Sistemas de comunicação no Brasil”. In: MARQUES DE MELO, José; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). *Ideologia e poder no ensino de comunicação*. São Paulo: Cortez, 1978a, p. 211-239.
- \_\_\_\_\_. *Teoria e pesquisa em comunicação: panorama latino-americano*. São Paulo: Cortez, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Inventário da pesquisa em comunicação no Brasil*. São Paulo: Intercom, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Communication and democracy: Brazilian perspectives*. São Paulo: ECA-USP, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Communication for a new world: Brazilian perspectives*. São Paulo: ECA-USP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Fontes para o estudo da comunicação*. São Paulo: Intercom, 1995.
- \_\_\_\_\_. *História do pensamento comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Memory in motion: Brazilian participation in the worldwide community of communication sciences”. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de et al. (orgs.). *Brazilian research communication*. São Paulo: Intercom, 2005.
- \_\_\_\_\_. *História do jornalismo*. São Paulo: Paulus, 2012.
- MARQUES DE MELO, José; e FERNANDES, Guilherme M. *Metamorfose da folkcomunicação*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.
- MATTOS, Sérgio. *O guerreiro midiático*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MOLES, Abraham. *Sociodinâmica da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1974.